CONTEXTOS HISTÓRICOS EM TORNO DA SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922 E SUAS CONTRIBUIÇÕES EM REFORÇAR O ABISMO ENTRE ARTE E AS MASSAS ATÉ A ATUALIDADE

MARIA ZITA JESUS DO NASCIMENTO

RESUMO
No Brasil, uns dos marcos históricos no campo artístico é a Semana de Arte Moderna de 1922. Os principais objetivos eram popularizar as artes no âmbito nacional, enaltecer a identidade brasileira, estimular a liberdade de expressão e romper com os padrões estéticos tradicionais da época. No entanto, na ocasião o Brasil e o mundo passavam por muitos processos, principalmente, nos âmbitos sociais e políticos. Além disso, até a atualidade, no âmbito escolar dentro da programática dos conteúdos artísticos, dão ênfase a esse evento, porém, enfatizando e reproduzindo, apenas, as obras dos artistas renomados e sem contextualizar com criticidade o movimento. Assim, este estudo pretende relacionar a Semana de Arte Moderna com os contextos históricos sociais do Brasil e no mundo, na tentativa de compreender seus reflexos até a atualidade. Os levantamentos bibliográficos para compor esse estudo partiram, principalmente, das reflexões de Mario de Andrade na comemoração dos vinte anos da Semana de Arte Moderna, ao qual despertou a necessidade de elencar quem eram as figuras idealizadoras desse marco histórico na arte brasileira e, ao qual, será crucial para correlacionar com os acontecimentos da época e responder a pergunta: a arte no Brasil é destinada a quem?

PALAVRAS- CHAVE: arte; 1922; Brasil; histórico; moderno;

INTRODUCÃO

A Semana de Arte moderna de 1922, foi considerada um marco histórico no panorama artístico no âmbito brasileiro. O chamado grupo dos cinco, foram considerados como os principais idealistas deste projeto, estes eram: as pintoras Tarsila do Amaral e Anita Malfati, os escritores Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Menotti Del Picchia. Além destes, o escritor e diplomata Graça Aranha e Paulo Prado escritor e patrocinador do evento que prometeu abalar as estruturas em relação as artes no Brasil.

Se faz necessário, em primeiro momento, elucidar o perfil de quem são os precursores da Semana de Arte Moderna, ao qual, objetivava popularizar a arte, enaltecer as brasilidades e romper com o tradicional.

Segundo dados do Museu de Arte Contemporânea (MAC), relata que Tarsila do Amaral (nome de batismo Tarsila de Aguiar do Amaral), era de uma família rica de agricultores de café. Teve aulas no Brasil com o professor e pintor Pedro Alexandrino e o pintor alemão George (Jorge) Elpons. Estudou na Academia Julian em Paris. Em 1922, se junta aos modernistas brasileiros e forma o grupo dos cinco. Na ocasião da Semana de Arte Moderna, participava também do "Salão Oficial dos Artistas Franceses" em Paris (1922). Ao retornar à Paris, em 1923, estudou com Lhote e Gleizes e passou a frequentar o ateliê de Léger, ao qual, esses influenciaram suas obras, principalmente as consideradas de cunho nacionalista e que consolidaram sua carreira. Tarsila do Amaral, foi casada com Oswald de Andrade.

Oswald de Andrade (nome de batismo José Oswald de Sousa de Andrade), foi de uma família de classe alta, descendia de portugueses e italianos e era sobrinho do escritor e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), Inglês de Souza. O Museu da Língua Portuguesa (2017), sintetiza Oswald de Andrade, como quem estudou nas melhores instituições brasileiras e se tornou escritor, jornalista, promotor das artes, advogado, irreverente, polêmico, boêmio, aventureiro. Uns de seus casamentos foi com a pintora Tarsila do Amaral.

Anita Malfatti (nome de Batismo Anita Catarina Malfatti), foi pintora, desenhista, gravadora, lustradora e professora. Sua família tinha descendência alemã e italiana. Seu pai era Samuele Malfatti, engenheiro e italiano, sua mãe era a pintora Betty Krug, descendente de alemães e de nacionalidade norte-americana. Anita nasceu com deficiência motora, mas não a impediu de pintar. Seus primeiros contatos com a arte foram por intermédio de sua mãe. Estudou na Academia

Real de Belas Artes em Berlim e em Nova Iorque na Arts Students League e na Independent Scool of Art. Suas obras sofreram muitas críticas no âmbito brasileiro.

Menotti Del Picchia (nome de batismo Paulo Menotti Del Picchia), nasceu em São Paulo e seus pais são de descendência italiana. Sua formação acadêmica se deu no Brasil e se tornou poeta, jornalista, político, romancista, contista, cronista, ensaísta e foi o terceiro ocupante da Cadeira 28 na Academia Brasileira de Letras. Além disso, trabalhou em jornais como redator e chegou a advogar e se tornar agricultor em Itapira no interior de São Paulo. Na Semana de Arte Moderna foi um grande articulador.

Mario de Andrade (nome de batismo Mário Raul de Morais Andrade), poeta, cronista, romancista, crítico de literatura e arte, musicólogo, pesquisador do folclore brasileiro, fotógrafo. Segundo suas próprias palavras, ele se definia como "Eu sou trezentos, sou trezentose-cincoenta (1930)". Nasceu em são Paulo e sua família era de classe média. Cursou até o ginásio e formou-se em música no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Recebeu educação formal apenas em música, nas demais áreas como história, arte e poesia foi autodidata.

Graça Aranha, nascido no Maranhão em família abastarda. Sua mãe era uma das filhas do Barão de Aracati, José Pereira da Graça . Se formou em direito e tornou- se diplomata, juiz e escritor. Foi nomeado a 38ª cadeira na Academia Brasileira de Letras sem ter publicado nenhum livro. Se desligou da ABL em 1924, pois, não aprovaram seu projeto de renovação. Na ocasião declarou: "A Academia Brasileira morreu para mim, como também não existe para o pensamento e para a vida atual do Brasil. Se fui incoerente aí entrando e permanecendo, separo-me da Academia pela coerência (1924)"

E temos Paulo Prado, nascido em uma família abastarda. Filho do primeiro prefeito da cidade de São Paulo, Antônio da Silva Prado , formou-se em direito, se tornou escritor, poeta, e por conta de sua família se envolveu no ramo da cafeicultura e foi o investidor da Semana de

Arte Moderna, após relações com inúmeros artistas em seus anos na Europa.

CONTEXTOS

A Europa, em especial Paris e Alemanha eram considerados o que tinha de melhor na esfera cultural nos anos 20, entretanto o Brasil era julgado como um país miscigenado e a parte rural do mundo. No território Nacional o Rio de Janeiro, capital da época, era considerado a meca cultural, ao qual recebia os melhores espetáculo, inclusive internacionais, pois contava com o Teatro Municipal, a Academia Brasileira de Letras, a Escola de Belas Artes, a Escola Nacional de Música, Biblioteca Nacional, Instituto Histórico e Geográfico, o Gabinete Português de Leitura e com os recursos governamentais se mantinha na soberania do entretenimento. São Paulo, por sua vez, era visto como provinciano e polo da indústria, comercio e agricultura, muito por conta do grande fluxo migratório que recebeu. Segundo o senso de 1920, em São Paulo os italianos eram a metade da população estrangeira e dispunha a maior diversidade étnicas: índios, negros, portugueses, judeus, árabes (Camargos apud Piccarollo, 2002). O alto número de imigrantes no Brasil, era o reflexo dos ideais eugenistas disseminados, principalmente, pelos nazistas e norte-americanos e acolhido pelos governantes e elites brasileiras, no intuito de melhorar a raça e formar uma nação civilizada. Campos apud Koifman (2015), ressalta que a elite brasileira e os governantes queriam parecerem modernos aos olhos das nações desenvolvidas e os ideais de raças, isto é, os conceitos eugênicos era moda no momento, contudo, o Brasil era considerado um território de experiências raciais pelos europeus e norte-americanos. Camargos (2002), enfatiza que o Brasil foi o último país das américas a abolir a escravidão e para se tornar uma nação moderna, não seria bem-visto ser um território com regime escravocrata, então deu se a abolição da escravidão no papel, de modo que tudo foi orquestrado pela elite. Dentre estes o pai do patrocinador da Semana de Arte Moderna, Antônio da Silva Prado, ao qual, foi um grande entusiasta da imigração italiana e se envolveu ativamente na elaboração da Lei dos Sexagenários e Lei Áurea, compartilhava da ideia de que era necessário fazer com que

o Brasil se tornasse uma nação melhorada. Vale ressaltar que no ano da Semana de Arte Moderna, a abolição da escravatura estava a completar trinta e quatro anos, mas, na ocasião, além dos negros, outros imigrantes penavam com os preconceitos, como os árabes, turcos, chineses e japoneses. Campos (2015) relata que a imprensa brasileira era entusiasta na disseminação de discriminação. Na ocasião da Semana de Arte Moderna um imortal da Academia de Letras (ABL) e Ministro das Relações Exteriores, José Félix Alves Pacheco (1922-1926) e um dos proprietários do Jornal O Comercio, fomentava a campanha racista contra a imigração japonesa.

No âmbito internacional o nazismo e o fascismo de Mussolini se expandiam, e buscavam adeptos pelo mundo, inclusive no Brasil, onde os jornais aliados a colônia italiana eram livremente distribuídos para corroborar com tais ideais de raça pura. Além do mais, no

Brasil o cenário político estava caótico. Em 1922, foi fundado o Partido Comunista do Brasil (PCB) e se comemorava o centenário da Independência.

Mesmo com o cenário caótico da época, o que incomodava a aristocracia paulistana era o fato de São Paulo ser ignorado como rota cultural. Então surgia a aclamada Semana de Arte Moderna.

A SEMANA D

A Semana de Arte Moderna aconteceu no Theatro Municipal de São Paulo, ao qual, foi construído na gestão do Prefeito Antônio da Silva Prado (pai de um dos financiadores do evento). Na ocasião que marcou o prenuncio do modernismo artístico na esfera nacional, além dos cinco idealizadores representando seus vieses artísticos, houve outras atrações, no entanto, a maioria das músicas era de autoria de Villa-Lobos, mesmo interpretada por outros artistas. As demais apresentações musicais foram de artistas parisienses. (Sampaio,2022).

Fresca (2022), enfatiza que a figura de Glauco Velasquez, era considerado melhor representante na esfera musical brasileira modernista, mas, sua morte precoce aos trinta anos, foi um acaso perfeito para que Villa-Lobos integrasse ao seleto grupo. Todavia, Heitor VillaLobos, sofria inúmeras críticas, principalmente por não ter frequentado o Instituto Nacional de Música, contrário do prodígio modernista Velasquez que tinha apoio dos professores, ao qual em sua maioria fomentava as influências francesas.

Contudo, Villa-Lobos, carregava as amarras eurocêntricas em suas composições, mesmo se intitulando como revolucionário da música brasileira. Nas comemorações dos vinte anos da Semana de Arte Moderna Mario de Andrade (1942) atestam esses conceitos:

"O modernismo no Brasil foi uma ruptura, foi um abandono consciente de princípios e de técnicas, foi uma revolta contra a intelligensia nacional. É mais possível imaginar que o estado de guerra da Europa tivesse preparado em nós um espírito de guerra. E as modas que revestiram este espírito foram diretamente importadas da Europa. Quanto a dizer que éramos antinacionalistas, é apenas bobagem ridícula. É esquecer todo o movimento regionalista aberto anteriormente pela Revista do Brasil primeira fase, todo o movimento editorial de Monteiro Lobato, a arquitetura e até urbanismo (Dubugras) neocolonial aqui nascidos. Isso sim eram raízes engrossadas desde o início da guerra. Mas o espírito e as modas foram diretamente importados da Europa (Andrade, 1942)".

A Semana de Arte Moderna tinha como objetivo acabar com o tradicional, no entanto, realçou o eurocentrismo. As brasilidades foram apenas retratadas pelos seus modos servis e utilizando das reflexões de Dorrico (2022):

"Historicamente fomos representados nas terras literárias brasileiras como seres folclóricos, como servos, como gente do passado. Isso refletiu diretamente em nossos povos, corpos, modos de vida, uma vez que fomos estigmatizados pelas imagens que, embora escritas em séculos passados, mantiveram-se vivas na fortuna crítica que as reencenaram e reencenam (Dorrico, p. 128,2022)."

Os artistas que participaram do projeto eram de um seleto grupo, como enfatizado

por Mario de Andrade (1942): “em São Paulo o exotismo folclórico não frequenta a Rua Quinze. Vive em núcleos mortos, não funcionais, abastardados na separação, Santa Isabel. Carapicuíba”, no entanto, este não era o caso dos irmãos João Timótheo da Costa e Arthur Timótheo da Costa. Os irmãos pintores frequentaram as Belas Artes eram aclamados pelos críticos da época e considerados (hoje em dia) como precursores do modernismo brasileiro e possuíam um vasto currículo, ao qual, incluía premiações, exposições, participações em grandes eventos nacionais e internacionais e vale ressaltar que Arthur Timotheo tornou-se o primeiro negro a receber o prêmio Máximo de Viagem ao Exterior (Paris), mas, não foram convidados a expor na Semana de Arte Moderna de 1922 (Museu AfroBrasil).
Além desses brasileiros, foram excluídos Os Batutas, um grupo brasileiro composto por Pixinguinha, José Alves de Lima, José Monteiro, Sizenando Santos “Feniano”, Duque, China, Nelson dos Santos Alves e Donga.



Figura Os Batutas. c. 1923. Sebastião Cirino Euclides Virgulino (bateria), Pixinguinha (saxofone), Fausto Mozart Corrêa (piano), José Monteiro (violão e banjo), José Batista Paraíso (saxofone) e Esmerino (trombone de vara) / Acervo IM

Na mesma época que ocorria a Semana de Arte Moderna, o grupo desembarcava em Paris (polo cultural do mundo) para uma turnê. Dentre os principais estilos musicais que foram apresentados aos europeus, estavam choros, maxixes, canções sertanejas, batuques, cateretê, samba. Tais ritmos representavam muito mais a hibridação étnicas brasileira do que as apresentadas no aclamado, três dias da Semana de Arte Moderna de 1922, como ironiza Eduardo Bueno (2022). Os jornais franceses noticiaram a chegada do grupo, alguns com entusiasmo e outros com críticas, dentre os principais pareceres estavam a preocupação em dividir os lucros com os artistas estrangeiros em geral e o temor destes tomarem seus lugares, já que a França estava a se restaurar do pós-guerra. Em relação aos gêneros musicais nenhuma crítica relevante que ofuscasse os seis meses de turnê. No entanto, no Brasil o teor racial era que dava o tom as críticas. Em seus estudos a respeito da ida de Os Batutas a Paris, Bastos (2005) relata que:

“Na época, a viagem provocou no país um acalorado debate sobre a legitimidade d’ Os Batutas – em sua maioria negros, que faziam uma música considerada nacional brasileira – como representantes brasileiros em Paris. Para os envolvidos no debate, Paris não se tratava de uma cidade qualquer, mas a capital cultural do mundo, desde o século XIX referência central para a cultura brasileira, especialmente para as elites (Ortiz, 1991, p. 8; Rial e Grossi, 2000, p. Embora a viagem não fosse uma missão de Estado, o debate tendeu a assim considerá-la. No debate em consideração, os argumentos dos “contra” tinham um cunho racista e eurocêntrico, desqualificando a música nacional como provinciana (Bastos, p. 178179, 2005)”.

O grupo chegou a Paris, através de uns dos grandes propagadores das danças e músicas brasileiras pela Europa, o dançarino Duque . Durante uma turnê pelo Brasil no final de 1921, conheceu Os Batutas no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, ao ficar maravilhado com as apresentações, propôs que fossem se apresentar em Paris. Segundo Pixinguinha, ele conseguiu que o empresário Arnaldo Guinle patrocinasse a viagem, entretanto, as críticas geravam em torno de que era absurdo um grupo composto por maioria negros, na qual, não faziam parte da aristocracia brasileira, representar o Brasil no maior cenário cultural da época. Essas desaprovações se deram por conta do apoio de Lauro Müller (político-diplomático, General e Engenheiro Militar) e na ocasião estava como Ministro das Relações Exteriores.

E para a elite e políticos brasileiros foi uma afronta, ser representado por um grupo de brasileiros sem renome e que apresentaria músicas popularescas no maior cenário cultural do mundo (Bastos, 2005). Enquanto Os Batutas encantavam Paris, no Brasil as críticas seguiam severas:

"Não sei se a coisa é para rir ou para chorar. Seja como for, o boulevard vai se ocupar de nós. Não do Brasil de Arthur Napoleão, de Osvaldo Cruz, de Rui Barbosa, de Oliveira Lima, não do Brasil expoente, do Brasil elite, mas do Brasil pernóstico, negróide e ridículo e de que la chanson oportunamente tomará conta (Fernandes, 1922 apud Wanderley, 2022)".

Pixinguinha e Donga, foram duas figuras que se tornaram os mais importantes no cenário musical popular brasileiro, principalmente com o gênero musical choro. Ao qual, em fevereiro de 2024, foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. (Wanderley,2024).

ARTE, ELITE E AS MASSAS POPULARESCAS

"Quem teve a ideia da Semana? Por mim não sei quem foi, só posso garantir que não fui eu. O mais importante era decidir e poder realizar a ideia. E o autor verdadeiro da Semana de Arte Moderna foi Paulo Prado. E só mesmo uma figura como ele e uma cidade como São Paulo, poderiam fazer o movimento modernista e objetivá-lo na Semana (Andrade, 1942)".
Paulo Prado era chamado de o mecenas da Semana de Arte Moderna de 1922. Por sua posição privilegiada dentro da elite paulistana, conseguiu reunir ricaços para contribuir na locação do Theatro Municipal, ao qual, seu pai enquanto prefeito de São Paulo deu início às obras desse monumento cultural paulistano. Além dessas premissas, Paulo Prado, antes de tocar os negócios familiares passou uma boa temporada na Europa, se permitindo vivenciar os programas culturais do continente, em especial Paris (Gomes, 2022). Mario de Andrade em 1942, na conferência em comemoração aos 20 anos da Semana de Arte Moderna ressalta o perfil dos participantes da época:

"(...) o movimento renovador era nitidamente aristocrático.
(...) Paulo Prado, ao mesmo tempo que um dos expoentes da aristocracia intelectual paulista, era uma das figuras principais da nossa aristocracia tradicional. E foi por tudo isto que ele pôde medir bem o que havia de aventureiro, de exercício do perigo no movimento, e arriscar a sua responsabilidade intelectual e tradicional na aventura (Andrade, 1942)".

Em 2022, a Semana de Arte Moderna, completou 100 anos e surgiram inúmeras apontamentos a respeito. Para o professor e colunista da Rádio USP Pedro Dallari , a Semana de Arte Moderna de 1922, foi uma "quebra dos modelos classistas e elitistas e um fenômeno brasileiro com características próprias. (Dallari, 2022)". Ainda contextualizou dizendo que o evento representou bem as transformações mundiais, principalmente por conta do Tratado de Versalhes que pautava os direitos trabalhistas para estabelecer "uma nova realidade nas relações entre capital e trabalho". Enfatizou que no Brasil, isso aconteceria só mais à frente. E relembrou que em 1922 foi criado o imposto de renda no intuito de que o Estado necessitava de recursos para abrandar as inquietações da sociedade moderna e poder melhorar o Bem-Estar Social. E concluiu dizendo que:

"A Semana de 1922 é fruto da progressiva integração do Brasil num mundo que se globalizava e onde os direitos de cidadania começavam a se afirmar mais significativamente. Esse contexto global, portanto, é um elemento essencial para entender as mudanças na arte e, indo além, na sociedade brasileira (Dallari, 2022)"

Em se tratando do que ocorria no cenário brasileiro, os jornais enfatizavam a vinda dos italianos para o Brasil, seus feitos e ânsia de refazerem suas vidas nesta terra tão vasta e cheias de oportunidades, porém, na maioria das vezes omitia os fatos deles serem subsidiados pelo governo para se estabeleceram por aqui e estes imigrantes desejáveis

este veículo seria de massa, entretanto, caiu no gosto mundial, muito por conta de sua acessibilidade, principalmente na questão financeira. Porém, a sétima, coopera para enfatizar esses ideais, aliás, na atualidade, sugestiona a qual classe pertence os gêneros artísticos. Ao retratar uma pessoa bem-sucedida atrela suas vivencias e hobbies a concertos, vernissages, exposições, museus, principalmente, europeus. Esses indivíduos são excêntricos, vivem uma vida de bonvivant, reassocia arte com status/realeza/elite/ricos/refinamento, além desses, demonstra que caso o indivíduo não seja abastardo financeiramente pode caí em decadência. Mas ao retratar pessoas de classes mais pobres, traz personagem estigmatizada, ao qual, não sabe se portar em lugares refinados, acham absurdos os valores, que desdenha dos estilos dos artistas entre outros aspectos que geram aos que assistem a sensação de que é algo supérfluo, inútil e que não serve para meros mortais. Exemplo disso é o filme Intocáveis (2011), independente da trama, essa obra cinematográfica traduz o classismo criado em torno da arte destinada as elites. No filme Philippe (François Cluzet) é um homem rico e deficiente que procura por um cuidador e contrata Driss (Omar Sy) um rapaz negro, recém-saído do sistema carcerário. As músicas apreciadas por Phillip são clássicas (Vivaldi, Chopin, Schubert), já as músicas de Driss são consideradas populares dentro da cultura negra (Tim Maia, Earth Wind And Fire). Ao longo do filme as gafes são inúmeras, principalmente nas questões artísticas consideradas nobres.

Conclui-se então, que a própria concepção brasileira nunca incluiu os indesejáveis, e sim, só as elites de quaisquer nacionalidades que fossem, ou seja, quem tinha (têm) o capital, o dinheiro, o status, a supremacia aristocrática, além disso, a cor da pele é um parâmetro classificatório entre arte e o popularesco. Como compôs Mauricio Tapajós e Aldir Blanc “o
Brazil não conhece o Brasil; O Brasil nunca foi ao Brazil”.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA Brasileira de Letras (ABL). In: Enciclopédia Graça Aranha, Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: Graça Aranha | Academia Brasileira de Letras. Acesso em: 12/10/2024

ACADEMIA Brasileira de Letras (ABL). In: Enciclopédia Menotti Del Picchia, Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: https://www.bing.com/ck/a?!&&p=52226b94db2e4aa7465fab1049575e94efda97ef905941fb6b1eacd039b35e24JmltdHM9MTczMTExMDQwMA&ptn=3&ver=2&hsh=4&fclid=2103b608-dd71-633d-108ca28fdcc062e3&psq=Menotti+Del+Picchia&u=a1aHR0cHM6Ly93d3cuYWNhZGVtaWEub3JnLmJyL2FjYWRlbWljb3MvbWVub3R0aS1kZWwtcGljY2hpYS9iaW9ncmFmaWE&ntb=1 . Acesso em: 12/10/2024

ANDRADE, Mário de. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa20650/mario-de-andrade.
Acesso em:12/10/2024

ANDRADE, Mario de. O Movimento modernista. Conferência lida no Salão de Conferências da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, no dia 30 de abril de 1942. Rio de Janeiro: Edições de Cultura da CEB, 1942. 81 p. 11,5x16 cm. Impresso no Jornal do Commercio. Disponível em: O movimento Modernista - Mario de Andrade Acesso em: 10/10/2024

ANDRADE, Mário de. Remate de males. São Paulo, SP: Editora Cupolo, 1930;

ANITA Malfatti. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8938/anita-malfatti. Acesso em: 12/10/2024

BASTOS, Rafael José de Menezes. LES BATUTAS, 1922: uma antropologia da noite parisiense. Revista Brasileira de Ciências Sociais - vol. 20 nº. 58. Disponível em: RBCS - v.20

n.58 2005-ok. Acesso em: 01/11/2024

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil. Editora Perspectiva LTDA, 2019.

BRASIL PARALELO. O professor Rodrigo Gurgel comenta os impactos da Semana de Arte Moderna na cultura brasileira. 16/09/2022. Disponível em: https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/semana-de-arte-moderna#. Acesso em: 20/10/2022

BUENO, Eduardo. A semana que abalou o Brasil. Canal Buenas Ideais, Youtube, 09/02/2022. Disponível em: https://youtu.be/KLkwflIFFS0?si=P6pZryqhdj2buL6L . Acesso em: 15/10/2024

CAMARGOS, Marcia. Semana de 22: entre vaias e aplausos. Editora Boitempo, 2002

CARDOSO, Rafael. Modernismo, passadismo e tradição. Disponível em: v74n2a12.pdf. Acesso em: 02/11/2024.

DALLARI, Pedro. O mundo de 1922, para além da Semana de Arte Moderna. Radio USP, 23/02/2022. Disponível em: O mundo de 1922, para além da Semana de Arte Moderna – Jornal da USP. Acesso em: 15/10/2024.

DORRICO, Julie. A fortuna crítica (da exclusão): Makunaimî na literatura indígena contemporânea . Disponível em: Revista_CPFn14.pdf. Acesso em: 02/11/2024

FRESCA, Camila. A música da semana de arte moderna e seus desdobramentos. Disponível em: Dossie2_rev_CPF_N14_Semana22.pdf. Acesso em: 02/11/2024.

GIMELLO, Frédéric. Cinéphilie (Cinefilia). 2015 Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282735103_2015_Gimello-Mesplomb_F_Entree_Cinephilie_in_Dictionnaire_critique_et_Encyclopedique_des_Publics_J_Walter_and_B_Fleury-Vilatte_edsMetz_CREM_2015#full-text. Acesso em: 02/11/2024

GOMES, Karina. A face oculta e visionária da Semana de Arte Moderna de 1922. 2022. Disponível em: A face oculta e visionária da Semana de Arte Moderna de 1922 - NeoFeed. Acesso em: 18/10/2024

MUSEU DE LÍNGUA PORTUGUESA (MLP). Ôswald, Oswaldo ou Oswáld? São Paulo. Disponível em: https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/oswald.pdf oswald.pdf. Acesso em: 17/09/2024

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Acervo: Biografia de Tarsila do Amaral. São Paulo. Disponível em: http://www.macvirtual.usp.br/mac/templates/projetos/percursos/percursos_mod_tarsila_biog.asp. Acesso em: 17/09/2024

SAMPAIO, João Luiz. Música na Semana de 22: identidade, Brasil, contradições, 2022. Disponível em: CONCERTO | Música na Semana de 22: identidade, Brasil, contradições. Acesso em: 02/11/2024

WANDERLEY, Andrea C. T. Brasiliana Fotográfica. Série "1922 – Hoje, há 100 anos" I – Os Batutas embarcam para Paris, em 29 de janeiro – Uma história de música e de racismo, 2022. Disponível em: Série "1922 – Hoje, há 100 anos" I – Os Batutas embarcam para Paris, em 29 de janeiro – Uma história de música e de racismo | Brasiliana Fotográfica. Acesso em: 02/11/2024.